

RITOS DA TRADIÇÃO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM VENTOS DO APOCALIPSE, DE PAULINA CHIZIANE

TRADITIONAL RITES AND GENDER VIOLENCE IN VENTOS DO APOCALIPSE, BY PAULINA CHIZIANE



Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 16/07/2025

Aprovação do trabalho: 11/8/2026

Publicação do trabalho: 19/10/2026

Marinei Almeida 
marinei.almeida@unemat.br

Universidade do Estado de Mato Grosso

Eliane Costa Ferreira 
eliane.costa@unemat.br

Universidade do Estado de Mato Grosso

COMO CITAR

ALMEIDA, Marinei; COSTA FERREIRA, Eliane. RITOS DA TRADIÇÃO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM VENTOS DO APOCALIPSE, DE PAULINA CHIZIANE. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 135-147, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1070>.

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar em *Ventos do Apocalipse* (2010), da escritora moçambicana Paulina Chiziane, alguns ritos da tradição que colocam a mulher em uma posição de obediência e subalternização frente à desigualdade, perante a figura masculina. Nesse aspecto, discutir-se-ão questões que envolvem o casamento efetivado após o lobolo, considerando este um intercâmbio de capital, o qual submete a mulher à condição de objeto. Para o desenvolvimento das análises recorreremos às leituras de Chimamanda N. Adichie em *Sejamos todos feministas* (2015), Paulina Chiziane em *Eu, mulher, por uma nova visão de mundo* (2013), Gayatri C. Spivak em *Pode o subalterno falar?* (2010), Oyeronké Oyewùmí em *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (2021), entre outros referenciais pertinentes às reflexões propostas.

Palavras-chave: Paulina Chiziane; tradição; subalternidade; gênero.

Abstract:

This article aims at analyzing in *Ventos do Apocalipse* (2010), by the Mozambican writer Paulina Chiziane, the rites of tradition that place women in a position of obedience and subordination in the face of inequality, concerning the male figure. In this regard, issues involving the marriage taken place after lobolo will be discussed, considering this an exchange of capital, which subjects the woman to the condition of an object. For the development of the analyzes we resort to the readings of Chimamanda N. Adichie in *We should all be feminists* (2015), Paulina Chiziane in *I, woman, for a new world view* (2013), Gayatri C Spivak in *Can the subaltern speak?* (2010), Oyeronké Oyewùmí in *The invention of women: making an african sense of western gender discourse* (2021) among the other references relevant to the proposed reflections.

Keywords: Paulina Chiziane; tradition; subalternity; gender.

Introdução

É preciso destacar que a escritora Paulina Chiziane¹ (1955) é a primeira pessoa (entre homem ou mulher) a publicar um romance em Moçambique e é também a primeira escritora africana e negra a ganhar o prêmio Camões (2021), um dos prêmios de maior prestígio de língua portuguesa pelo conjunto das suas produções literárias. Um reconhecimento que chegou tarde, dada a relevância das suas obras, da sua persistência na caminhada literária, mas, sobretudo, por sua capacidade crítica e intelectual.

Em sua escrita, Paulina Chiziane se despe de todo preconceito moral, religioso, político e tradicional para retratar de uma forma crítica e, por vezes até irônica, os valores tradicionais do casamento, da cultura, da nação, da guerra, da política, do amor, do sexo e da condição da mulher na sociedade moçambicana. Em suas obras a escritora retrata um Moçambique atual que mantém fortes laços entre a tradição e a modernidade, as culturas ancestrais e autóctones. Moçambique é um dos países que mantém suas raízes muito ligada à tradição oral, ao preservar e manter muitos elementos que compõem as suas características identitárias e culturais que são perpassados pela literatura escrita.

De acordo com Igor Fernando Xanthopulo Carmo, em sua recente pesquisa sobre as narrativas orais em Moçambique,

embora, hoje em dia, seja comum associar a assimilação do conhecimento ao registro escrito, as artes literárias não são devedoras exclusivas da escrita, pois o seu principal veículo de transmissão sempre foi a via oral, na forma de religião, lazer ou regulamento (Carmo, 2023, p. 16).

Em *Ventos do Apocalipse* (2010), o romance transporta-nos ao cenário apocalíptico do país durante o período da guerra civil, também chamada como a guerra dos dezesseis anos que perdurou até 1992. Na realidade, segundo a pesquisadora Deolinda M. Adão (2018, p. 200): “o romance proporciona-nos uma visão nua e crua dos flagelos sofridos pelos povos moçambicanos durante o período que corre entre, imediatamente, após a euforia da independência (1975), e a assinatura do tratado de paz entre a FRELIMO e a RENAMO (1992)”. Mas, para além da guerra, há outros temas que ocupam um papel de destaque nesse romance. A tradição e a modernidade, as diferenças culturais, a questão da identidade, temas que permeiam a obra atribuindo-lhe uma narrativa densa, intensa e complexa. Além disso, o romance problematiza o protagonismo das mulheres na guerra

¹ Paulina Chiziane nasceu em Monjacase, província de Gaza, em Moçambique, no dia 04 de Junho de 1955. Iniciou seu percurso literário em 1984. Frequentou o curso de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane. Seu primeiro livro é *Balada de amor ao vento* (1990); os seguintes são: *Ventos do Apocalipse* (1993); *O sétimo juramento* (2000); *Niketché: uma história de poligamia* (2002); *As andorinhas* (2008); *O alegre canto da perdiz* (2008); *Na mão de Deus* (2013); *Por quem vibram os tambores do além* (2013); *Ngoma Yethu* (2015); *O canto dos escravos* (2017).

contrastando com a visão patriarcal e machista da sociedade em que estão inseridas.

Com uma escrita que mantém as suas raízes ancestrais e os laços do sistema oral, Paulina Chiziane prefere denominar-se como contadora de história ainda que tenha sido a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique. Como uma exímia contadora de histórias, a oralidade atravessa toda a sua escrita desde a publicação de seu primeiro romance *Balada de amor ao vento*, de 1990.

A estudiosa e pesquisadora das literaturas africanas de língua portuguesa, Ana Mafalda Leite (2020, p. 84) assevera que:

a tematização da revalorização da oralidade é uma forma de manifestar uma recuperação simbólica desse estado civilizacional anterior à introdução da escrita, em Moçambique, reivindicando uma reposição de valores próprios; portanto, também um meio de afirmação de uma cultura que foi subjugada pela hegemonia da escrita. A esse propósito é importante recordar que a oralidade é o domínio da cultura peculiar à maioria da população moçambicana, essencialmente rural e camponesa

A oralidade é um dos elementos de maior destaque para o processo de formação e de consolidação do sistema literário moçambicano, sem, contudo, elevá-la a uma categoria essencialista. “Um dos pressupostos geralmente aceitos e tidos como base de discussão da proeminência da oralidade africana é a inexistência da escrita em África antes do contato com os europeus” (Leite, 2020, p. 18). Ou seja, um dos grandes equívocos assumidos por alguns estudiosos está em associar uma dicotomia entre a oralidade/escrita sem levar em conta que a oralidade é uma característica primária e essencialmente africana. “E aquilo que é um fenômeno acidental, passou a ser encarado como um fenômeno essencial” (Leite, 2020, p. 19).

Esse olhar hegemônico ocidental e totalizador em relação à cultura e História do continente contribui para uma visão estereotipada reducionista para uma das civilizações mais ricas e antigas do mundo (Barbosa, 2020). Nessa perspectiva, Silva e Souza (2015) tece algumas considerações em relação a essa linha de pensamento que reforça e produz uma visão eurocêntrica em relação à tradição oral.

Contra as generalizações que o senso comum produz acerca de África, fruto do imperialismo eurocêntrico que ainda voga nas mentes e na imaginação dos espaços pós-imperiais, as ciências humanas precisam apelar sempre para a noção quase óbvia de que um espaço humano das proporções de um continente não poderia nunca produzir uma cultura homogênea o suficiente para ser considerada em bloco. Mas as ciências humanas acerca de África não extraem seus argumentos a partir do senso comum, a menos que deseje estudá-lo, por sua vez. As ciências humanas precisam extrair seus argumentos de pesquisas e considerações teóricas específicas. Nesse sentido, acreditar que a África toda conspira numa espécie de essência formada por uma ‘tradição oral’ acarreta mais problemas teóricos que soluções,

incorrendo num risco grave de se criar outra generalização, como aquelas do senso comum (Silva; Souza, 2015, p. 115).

Em *Ventos do Apocalipse* (2010) temos uma narrativa que se constitui com uma marca forte da oralidade, em que a memória e a história são elementos fundamentais para a estruturação do romance. Destarte, o fluxo de vozes adotadas confere a complexidade da obra já na sua estruturação, dividida em três partes, o prólogo apresenta três vozes narrativas diferentes: um velho, uma criança e um narrador onisciente, que anunciam os horrores da guerra, os ritos da tradição da aldeia, inscrita em um espaço geográfico específico – Império de gaza.

Na abertura do romance, o prólogo remete ao chamamento da tradição oral como um momento da transmissão do conhecimento à volta da fogueira: “Vinde todos e ouvi/Vinde todos com as vossas mulheres/ e ouvi a chamada. Não quereis a nova música de timbila²/ que vem do coração?” (Chiziane, 2010b, p. 1-3). Em seguida, têm-se as duas partes que iniciam os capítulos. A primeira inicia-se com o provérbio *Tsonga*: “(nascestes tarde! Verás o que eu não vi)” (Chiziane, 2010b, p. 25); A segunda com uma canção popular *changane*: “(cada dia tem a sua história)” (Chiziane, 2010b, p. 151).

Na primeira parte, a narrativa contempla os cerimoniais de Mananga e o poder atribuído às hierarquias internas, constituindo os privilégios masculinos às normas desse povo. O capítulo encerra com o massacre da aldeia, orquestrado por adversários políticos com o apoio de nações tribais vizinhas, culminando com a fuga dos sobreviventes.

Já na segunda parte, a travessia de 21 dias é cercada por desafios e perigos, amparada pelas entidades espirituais, Deus e os mortos. Com a ajuda de um herói em farrapos, os refugiados conseguem chegar à aldeia do Monte, tendo vivenciado os horrores da guerra: fome, sede, frio e morte. Nesse trecho, o enfoque é dado à agência de ajuda humanitária, por meio de cuidados médicos e alimentação. Os refugiados se revestem de esperança, mas é desfeita com novos rumores de massacres, ao final, a desolação é a atmosfera que circunda os sobreviventes.

1 O casamento: da emancipação à objetificação da personagem feminina

“A tradição é boa, porém não é útil”.
(Chiziane, 2013)

A epígrafe que abre este tópico sintetiza, de uma forma bem evidente, alguns aspectos da tradição que serão analisados neste artigo tendo como corpus a obra *Ventos do Apocalipse* (2010). A citação abre espaço para a reflexão sobre os ritos que envolvem as mulheres em uma cultura tradicional. Tais ritos acentuam ainda mais o estado de subalternização e invisibilidade da mulher nessa em uma sociedade, cuja base é um sistema patriarcal e machista. O qual subverte o papel da mulher e a sua importância na afirmação da História. “As mulheres são e foram peças centrais, e não

² Instrumento secular da cultura bantu.

marginais, para a criação da sociedade e a construção da civilização” (Lerner, 2019, p. 28).

Mas ao contrário dessa aceção, há muito tempo as mulheres são relegadas a um lugar de inferioridade e submetidas a um lugar de desigualdade em relação à figura masculina. Tal discussão gera ainda mais debate se o tema em questão é sobre as mulheres de países africanos de língua oficial portuguesa. Sabe-se que a mulher africana ainda hoje sofre com a opressão e a subalternização, que, muitas vezes, esta ainda é observada por um olhar eurocêntrico e ocidental.

E esse olhar, é nas palavras da filósofa e pesquisadora nigeriana Oyèrónké Oyewùmí: um olhar da diferença. Para a autora: “a diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao “ver”. O olhar é um convite para diferenciar” (Oyewùmí, 2021, p. 29). A mulher subalterna na perspectiva teórica e crítica de Spivak “encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero” (Spivak, 2010, p. 17)

Em sua trajetória literária, a romancista e contadora de histórias Paulina Chiziane, como prefere ser chamada, deixa enfatizar em: “Eu, mulher... por uma nova visão do mundo³”, testemunho escrito em 1992, as dificuldades enfrentadas ao longo do caminho, o preconceito e falta de apoio por parte de escritores e editores para a publicação do seu primeiro romance *Balada de amor ao vento*, escrito em 1986, mas publicado somente em 1990.

Devo confessar que nas condições da actual sociedade, se a mulher pretende um reconhecimento igual ao do seu parceiro masculino deve trabalhar duas ou três vezes mais. Do período que vai da escrita do livro até a sua publicação, entrei em contacto com homens de diversas instituições e que não me ajudaram em nada ou ajudaram muito pouco. Contudo, quase todos eles não se esqueceram de fazer-me propostas sexuais, convites de jantar, como condição necessária para a ajuda de que tanto necessitava. Mais tarde entrei na Associação dos Escritores. Mesmo ali a minha integração como mulher não se fez sem grandes esforços (Chiziane, 1992).

Como parte da sua própria “escrevivência⁴”, a sua ficção contempla uma coletividade de histórias que lhe são contadas por pessoas de fora e fatos outros observados na rua e no mundo que a circunda, sob o um olhar e escuta atentos da escritora. A autora afirma que a sua inspiração vem das histórias que ouviu quando criança e adolescente, à volta da fogueira, em especial de sua avó e

³ Testemunho escrito em 1992 e publicado em meados de 1994, por iniciativa da UNESCO em fase dos preparativos da conferência Internacional sobre a Mulher, Paz e Desenvolvimento, realizada em Pequim em 1995.

⁴ Termo cunhado pela escritora, pesquisadora e professora Conceição Evaristo e hoje desenvolvido por vários pesquisadores. A escrevivência é compreendida por Maringolo (2014, p. 10) “como argamassa criativa a sua experiência de vida, Evaristo escreve estabelecendo um constante diálogo entre o meio social, cultural, histórico e de gênero em que vive, com as obras que escreve. A poética da Escrevivência significa escrever sobre a vida, abarcando a experiência múltipla e diversa dos afrodescendentes; significa também utilizar retalhos de memórias para a construção das narrativas. Apoiada em sua vida, Conceição Evaristo confunde, inventa, cria e recria o material narrativo para a construção das narrativas”.

dos mais velhos. Como uma intelectual do seu tempo, Paulina Chiziane transporta para a sua escrita, temas relacionados com as condições de vida da mulher em Moçambique, na contemporaneidade.

As personagens femininas desempenham um papel de destaque na maioria de suas obras. Em *O alegre canto da perdiz* (2008), por exemplo, dos vinte e seis capítulos, apenas seis não estão concentrados na figura feminina, ou seja, não possuem como foco principal a personagem feminina. Em *Balada de amor ao vento* (1990), o romance apresenta uma narradora-protagonista caracterizada pela circunstância da narrativa oral. Na obra *Nicketché: uma história de poligamia* (2002), a narrativa possui a personagem Rami como narradora e protagonista, além de outras personagens femininas de destaque. Nesse sentido, muitas vezes, a crítica literária atribui à escritora o papel de feminista, entretanto, Paulina Chiziane recusa esse papel afirmando que fala sobre a vivência/experiência das mulheres. “Eu sou uma mulher e falo de mulheres, então eu sou feminista? É simplesmente conversa de mulher para mulher, não é para reivindicar nada, nem exigir direitos disto ou daquilo, porque as mulheres têm um mundo só delas [...]” (Quive, [201-?])⁵.

Em grande parte de sua escrita, as relações de gênero e as tradições são representadas com maior frequência. A posição da mulher em relação à superioridade da figura masculina é abordada de diferentes modos, seja por meio da tradição, da cultura e religião. Esse tema em *Ventos do Apocalipse* (2010) é evidenciado por meio do lobolo⁶, uma forma de dote dado à família da mulher antes do casamento.

No romance, a personagem Mara é uma jovem lobolada que se encanta pelo herói em trapos que chegou no Monte conduzindo um exército de moribundos. Sixpence, o líder venerado:

[...] enfrentou leões de mãos nuas; fez pacto com o diabo e conduziu mais de cem homens numa caminhada ininterrupta de vinte e uma noites; que venceu fantasmas; que venceu maus espíritos; que lutou, que sofreu, que tem figura de duende, mas é homem, ele é invencível, um campeão, um herói (Chiziane, 2010b, p. 121).

Mara desafia os costumes da sua aldeia e, sem medir as consequências, dedica dia e noite aos cuidados de Sixpence. A personagem cuida de suas feridas, limpa o corpo sujo e até a comida lhe põe na boca. Tal dedicação e esforço em reestabelecer a saúde do herói é criticada por pessoas que a advertem sobre o que diria o seu noivo ou o que pensariam os seus pais.

Nada disso pareceu ter importância para Mara. Ela era obstinada e sentia que estava enamorada pelo líder solitário. O noivo enciumado pela exclusividade de sua companhia tratava-a

⁵ Paulina Chiziane: o símbolo feminino na literatura moçambicana; Resenha do escritor Eduardo Quive para o Sarau Eletrônico.

⁶ O lobolo, tradição em comunidades como a *tsonga*, consiste num dote pago pelo homem à família da mulher com quem se casará, hoje, em várias lugares do país esse costume vem sendo repudiado pelas mulheres. O lobolo constituiu durante muito tempo o único meio de melhoria das condições econômicas das famílias, principalmente no meio rural. No entanto, através dele, era negado à mulher o direito de controle de propriedade, uma vez que a prática fazia da mulher um bem transmitido do pai para o marido.

com agressividade e impunha-lhe a sua autoridade: “lobolei-te, minha noiva, e só irás para onde eu quiser” (Chiziane, 2010b, p. 124). A personagem, uma vez mais, o desafiou, mas foi novamente insultada pelo noivo: “– vais dormir com ele, minha cabra. Gastei o meu dinheiro comprando-te, prostituta sem vergonha” (Chiziane, 2010b, p. 124).

Esta é a mesma sina da vida de Wusheni, filha do chefe da aldeia em Mananga. A personagem era uma jovem bela, elegante e bondosa assim como a mãe, afirmou o pai em um trecho da narrativa. A aldeia estava enfrentando uma grave escassez de comida, não havia mais a fartura de tempos outros, a seca severa não deixava a terra produzir os seus frutos. Diante dessa grave situação, Sianga não via mais por onde pedir ajuda e sair pelo menos ele, o chefe, da miséria e fome.

Os deuses o abandonaram, os mortos já não ouviam as suas preces, restava-lhe apenas recorrer ao benefício da tradição – o lobolo. É assim que o chefe começa a planejar o casamento de sua única filha, Wusheni. Sianga é um velho astuto e sem dissimular o seu encanto e desejo pela jovem, começa a observar as curvas, os seios e o seu jeito de andar. Disfarçando a sua excitação diante da beleza da filha, chama a esposa Minosse para confirmar seu veredito: “Está madura” (Chiziane, 2010b, p. 44), admite o velho.

O velho espreitava cada ângulo do corpo de Wusheni, mas faltava ainda observar a sua filha de frente, chama a esposa para ajudá-lo a calcular a quantidade de bois que pediria ao noivo. Segundo ele, a elevada beleza de Wusheni merecia um dote à altura, ainda mais por ela ser a filha de um chefe. A sua expectativa era casar sua filha com um homem rico e poderoso, um homem de verdade e, assim, afirmou: “vai ser com vacas das boas o lobolo dela” (Chiziane, 2010b, p. 44).

A decisão já estava tomada, o de casar a filha com Muianga, um velho que já possuía quatro esposas. Contra a decisão do marido, Minosse tenta argumentar em favor da filha, nada o convence, nem as suas lágrimas. A mãe pensava na felicidade da filha, o que um velho desdentado poderia proporcionar de bom na vida de sua filha, sendo esta a sua quinta esposa? Talvez Minosse tivesse apenas prevendo a repetição de sua própria história. Sendo a nona esposa de Sianga, sempre fora deixada de lado, desprezada e era a que menos desfrutava dos carinhos e a companhia do marido.

A poligamia é um tema que circunda toda a narrativa dessa obra e grande parte de outras obras de Chiziane. Ainda que não tenha uma relevância principal em *Ventos do Apocalipse*, a poligamia serve para enfatizar de uma forma contundente como a tradição e o poder estão associados à figura masculina, enquanto autoridade exclusiva que determina as regras e as normas de uma coletividade, sobretudo da mulher. A história da humanidade enquanto gênese do pensamento patriarcal sempre detivera todos os poderes possíveis em relação ao gênero oposto. Segundo observação de Simone de Beauvoir (1980, p. 179):

a história nos mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos, desde os primeiros tempos do patriarcado; julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro.

Embora seja um tema que causa muita polêmica, a escritora problematiza essa prática que continua vigente na área rural e não raro na urbana. Em seu romance *Niketche: uma história de poligamia* (2004), cujo tema central é a poligamia, novamente Chiziane traz esse assunto com alguns pontos de questionamentos em relação à tradição e a religião. Em entrevistas, Paulina Chiziane manifesta abertamente a sua opinião contra a poligamia:

a maioria das mulheres que vive no sistema tradicional poligâmico não tem proteção legal, o que não é correto. Portanto, devemos encarar a poligamia como realidade sobre a qual é preciso legislar, pois, no sistema poligâmico o homem tem uma mulher, e quando resolve ter a segunda, deverá inicialmente resolver a situação com a primeira: dividir os bens, incluindo a casa, deixar a parte dela resolvida e ir construir a nova vida sem que a mulher fique desprotegida (Chiziane, 2010a, p. 177).

A escritora parte da sua própria vivência e de outras mulheres para trazer o cerne da questão para a discussão, pois trata-se de um sistema que deixa a mulher moçambicana totalmente vulnerável. É por essa razão que Minosse tenta dissuadir o marido do casamento arranjado para a filha com o velho Muianga. Ao passo que Wusheni contraria as ordens do pai e não aceita o matrimônio, ela vai até as últimas consequências, o que acaba culminando com sua morte.

A liberdade é um direito fundamental de todo ser humano, ou pelo menos deveria ser. No romance, a escritora lança uma crítica incisiva justamente para questionar a opressão que a mulher enfrenta em relação à restrição de liberdade de escolhas:

os pombos constroem os ninhos nos ramos que lhes agradam. Os bichos da selva escolhem o parceiro que lhes agrada, que amam, reproduzem as suas crias em liberdade e felicidade. As lagartas são livres; desovam onde lhes convém e partem. As vacas no curral não têm a mesma sorte. As galinhas, as cabras, as porcas também não. A estas, o macho é imposto, goste ou não goste, cumpre-se a vontade do dono. Com as mulheres é assim mesmo (Chiziane, 2010b, p. 49).

Aos homens foi dado o poder das escolhas, das suas decisões, ao passo que as mulheres não têm o direito de escolha de seus próprios pretendentes. As mulheres são já desde muito novas destinadas a pretendentes escolhidos em comum acordo entre os pais. Ao atingir certa idade, a menina, ao se tornar uma mulher, já está preparada para a cerimônia do casamento, e em alguns casos, o trâmite do lobolo já foi efetuado e pago. Já não há como voltar atrás, pois a família geralmente já gastou o dinheiro e não tem condições de devolver o lobolo. Nessas condições, a mulher se submete a viver silenciada, subalternizada e sofrer inclusive violências doméstica.

É nesse sentido que Paulina Chiziane afirma: “a tradição é boa, porém não é útil”, frase que tomamos como epígrafe desta discussão. Nessa direção, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2015, p. 47) assevera que: “tem gente que diz que a mulher é subordinada ao homem porque isso

faz parte da nossa cultura. Mas a cultura está sempre em transformação”. Afinal de contas, questiona a escritora, “para que serve a cultura? A cultura funciona, para preservar e dar continuidade a um povo” (Adichie, 2015, p. 47). E acrescenta ainda: “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura” (Adichie, 2015, p. 48).

Em *Ventos do Apocalipse* (2010), portanto, há vários questionamentos em relação a certos ritos da tradição. Há a problematização em relação aos mais velhos, considerados sábios para a comunidade, há o questionamento dos mais novos em relação a esse conhecimento. Outros dois rituais culturais são trazidos na pauta do romance: o mbelele⁷ e uma missa, que são descritos em seus mínimos detalhes e ambos terminam de uma forma trágica para a população.

O mbelele é um ritual sagrado praticado pelos antepassados para trazer chuvas em meio a uma grave seca. Nesse ritual, as mulheres são as peças fundamentais, pois elas são convocadas para realizá-lo. O ritual assume um papel relevante para a comunidade porque marca a importância do corpo feminino, em especial para a aldeia, que estava passando por um período de fome e estiagem (Cesario, 2013).

O Mbelele é uma grande cerimônia, em que as mulheres desempenham o papel mais importante. Os reis e os eleitos conversam com os deuses da chuva. Dizem que é uma cerimônia difícil, porque para ser bem-sucedida deve correr sangue virgem. Escolhe-se entre a população um galo que ainda não tenha sonhos de desejo e uma galinha que ainda não conhece a lua (Chiziane, 2010b, p. 36).

Contudo, há uma relação paradoxal entre a mulher e a tradição. Como símbolo da vida, esta é comparada à terra, solo fértil e sagrado. Para a escritora Paulina Chiziane a mulher é o centro da vida. “Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra” (Chiziane, 2013, p. 199). No entanto, ela é considerada, na maioria das vezes, a fonte do mal, a pecadora e causadora de secas e maldições.

Nas religiões bantu, todos os meios que produzem subsistência, riqueza e conforto como a água, a terra e o gado são deificados, sacralizados. A mulher, mãe da vida e força da produção da riqueza, é amaldiçoada. Quando uma grande desgraça recai sobre a comunidade sob a forma da seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas infractoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as

⁷ “Em Moçambique, o povo tsonga celebra o mbelele quando a comunidade é afetada por uma grande seca. Antes de decidir a realização do magno ritual, os homens castigam as mulheres. Fazem preces para os deuses do pai e da mãe. Falham. Os reis e os sacerdotes fazem preces aos deuses do clã ou da tribo. Falham. Recorrem de novo à mulher porque reconhecem nela a fertilidade e sobrevivência do mundo. No mbelele, elas correm nuas de baixo do sol revolvendo sepulturas, purificando a terra, gritando, cantando para que as nuvens escutem. Só a nudez da mulher que quebra o silêncio dos deuses e das nuvens porque ela é a mãe do universo” (Chiziane, 2013, p. 200).

prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos nado-mortos que infertiliza a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes (Chiziane, 2013, p. 199).

Nunca foi fácil viver sendo o sexo oposto aos homens. Não é fácil ser mulher em uma sociedade patriarcal que silencia e oprime a mulher em todas as instâncias sociais, culturais e ideológicas. De acordo com Saffioti (1987, p. 8), “a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem”.

As personagens femininas no romance estão inscritas em um sistema patriarcal cuja função social já está delimitada pela autoridade masculina, na figura do chefe da aldeia, pai, marido e até irmão. É nesses termos, que a violência simbólica, considerada por Bourdieu (2017, p. 12), como uma “violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas”, vem auxiliar na reflexão sobre as múltiplas violências impetradas à mulher na obra de Chiziane. Ela contribui, também, para pensar nessa prática que está igualmente incorporada nas práticas sociais que suas vítimas [as mulheres] reproduzem de forma inconsciente.

Nesse espaço dicotômico entre tradição e modernização, Spivak (2010) argumenta sobre o lugar de silenciamento e invisibilidade da mulher “encurralada entre a tradição e a modernização”.

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da ‘mulher do Terceiro Mundo’, encurralada entre a tradição e a modernização (Spivak, 2010, p.157).

Entretanto, em *Ventos do Apocalipse*, algumas personagens subvertem o sistema, como é o caso de Wusheni e Mara, ainda que a segunda não tenha desempenhado um papel de uma forma tão evidente como a primeira. Minosse é também uma personagem que no início comparece sucumbida pelas atitudes do marido, mas no decorrer da narrativa, ela vai se impondo e se tornando ativa. Ela é a única voz feminina, na obra, não silenciada, por isso é responsável pela construção de uma identidade, diríamos, própria. Minosse é quem vai relatar a história das mulheres da tribo, fará o papel de transmissora às novas gerações, logo de uma contadora oral.

Emelina é também uma personagem enigmática. Considerada a louca, é vítima e algoz ao mesmo tempo. Na verdade, ela é a reaparição de Massupai descrita no conto: “a ambição de Massupai” (Chiziane, 2010b, p. 14), pois assim como esta, ela trai o seu povo e provoca o ataque que devasta a aldeia do Monte. Mesmo subjugada e marginalizada, Emelina representa a força do ser feminino que, diante da sua loucura ousa desafiar a autoridade, ao assumir o controle sobre si e das suas escolhas.

A escrita de Paulina Chiziane, portanto, está longe de ser inocente, ela sabe bem o chão que pisa e por isso mesmo resiste ao abordar a condição social da mulher, a desigualdade de gênero, as

tradições, entre outras. Nada é por acaso ou sem cuidado, tudo é pensado de uma forma consciente para questionar as estratégias de poder para a manutenção dos privilégios masculinos. Como ela mesma afirma: “com as minhas mãos acionei uma bomba sobre a minha cabeça” (Chiziane, 2013, p. 203).

Em *Ventos do Apocalipse*, as personagens femininas “redefinem a vida e reescrevem os seus destinos” (Chiziane, 2010b, p. 159), assim como a própria escritora. A escrita torna-se um instrumento político e ideológico para a afirmação da vida e resistência na luta por direitos e identidade feminina. Ao construir personagens femininas que subvertem o sistema patriarcal no qual estão inseridas, tanto as mais jovens quanto as mais velhas contestam as restrições que lhe são impostas ao apoderarem-se de suas próprias vozes e dar autonomia às suas vidas. Essa atitude, portanto, tem a intenção de proporcionar, a essas personagens mulheres, a participação ativa e plena na sociedade que poderá emergir da destruição e das cinzas, “tal como, Minosse” (Adão, 2018, p. 206), semelhante ao mito de Fênix.

Considerações finais

Em *Ventos do Apocalipse* (2010), para além da devastação da guerra, da terra e da fome, há a degradação dos seres humanos em seus aspectos internos e externos. A linguagem crua da narrativa revela-se como um todo ao longo do romance enveredando o leitor para a realidade de um país que sobreviveu a um verdadeiro apocalipse. Em se tratando de uma narrativa tão densa e complexa, por vezes, nos deparamos com trechos poéticos traduzidos para a linguagem do amor, da esperança, da solidariedade, da paz e da humanidade. Para além dos trajas em farrapos, da miséria, da pobreza, da ambição e da crueldade, o romance nos transporta para a realidade de nosso próprio tempo.

Há muitas problematizações no romance que escapa ao objetivo proposto para este momento, tendo em vista os vários questionamentos que a narrativa suscita. Paulina Chiziane não vai a uma guerra de mãos vazias, ao contrário, ela mune-se de arco, flecha e espada, veste a armadura de uma escrita crítica e lúcida que se torna arma de guerra. Assim como as personagens femininas que sobrevivem a uma cultura patriarcal e resistem contra a opressão de seus corpos e o silenciamentos de suas vozes, é preciso ter força e coragem para denunciar, se opor ao poder, ao sistema e ser testemunha viva dos horrores provocados pela guerra e pelo sistema de colonização. Semelhante a personagem Minosse, que, após todos os seus infortúnios, reequilibra-se e traça novos voos.

Referências

ADÃO, Deolinda M. Novos espaços do feminino: uma leitura de *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (org.). **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. 2. ed. Lisboa, 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Cristina Baum. 1. ed. São

Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BARBOSA, Muryatan S. **A razão africana**: breve história do pensamento africano contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difel, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.

CARMO, Igor Fernando Xanthopulo. **Narrativas populares africanas**: recolhas da tradição oral em Moçambique. 2023. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2023.

CESARIO, Irineia Lina. **Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane, e Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**: laços africanos em vivências femininas. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

CHIZIANE, Paulina. Entrevista à Rosália Estelita Gregório Diogo. As diversas possibilidades de falar sobre o feminino. **Revista Scripta**, [S. l.], v.14, n. 27, p. 173-182, 2010a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4338/4485>. Acesso em: 5 jan. 2023.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. 3. ed. Editora Nadjira, 2010b.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher, por uma nova visão de mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, [S. l.], v. 5, n. 10, abr.2013.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas pós-coloniais**: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARINGOLLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo**: construindo histórias por meio de Retalhos de memórias. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras, 2014.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SAFFIOTTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Rejane Vecchia da Rocha; SOUZA, Ubiratã Roberto Bueno. Literatura moçambicana e oralidade: uma postura crítica e uma fundamentação teórica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p.

95-117, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakrovorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

QUIVE, Eduardo. Paulina **Chiziane**: o símbolo feminino na literatura moçambicana, [201-?]. Disponível em: https://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=213&Itemid=1. Acesso em: 7 ago. 2024.